

JOÃO DO RIO E LIMA BARRETO: CONTEMPORÂNEOS E DIVERGENTES

Maria Aparecida da Costa Gonçalves Ferreira
Mestranda – UFPB – João Pessoa

I – Introdução: Lima Barreto e João do Rio

Cariocas do final do século XIX e início do século XX, Lima Barreto (1881-1922) e João do Rio (1881-1921) atravessaram os momentos mais importantes da virada do século, presenciando desde as transformações tecnológicas, passando por importantes acontecimentos históricos, como a Proclamação da República, até as mudanças de costumes causadas por estas transformações, que tanto mexeram com o homem daquele tempo. Com uma literatura de forte teor denunciativo, o escritor de *Policarpo Quaresma* ilustra as mudanças do final do século em seus escritos, especialmente em suas crônicas, de forma irônica e crítica. Como pontua Maria Zilda Cury, Lima Barreto:

Condena a imprensa, os grandes jornais, alegando que deveriam ter a função precípua de luta, de denúncia, de posicionamento ao lado dos mais humildes, dos discriminados, e no entanto, curvam-se aos interesses políticos dos homens do poder (Ferreira Cury; 1981:101).

Com uma linguagem mais despojada do que a de seus contemporâneos, Lima Barreto anuncia, com sua literatura crítica, na maioria das vezes comprometida com o social, o que mais tarde vieram chamar de modernismo. Quanto a João do Rio, o que se vê, em suas crônicas, é a representação documentada e caricaturada do Rio de Janeiro mundano¹. Para Afrânio Coutinho, João do Rio era:

Figura extremamente representativa da *Belle Époque*, o esteta que afrontava o ridículo com as extravagâncias de um hedonista, tinha particular fascinação pelo paradoxo, como discípulo confesso que era de Oscar Wilde (Coutinho; 1986:128).

¹ "O adjetivo mundano não tinha ainda a conotação depreciativa que lhe é atribuída nos nossos dias. Vida mundana era a vida social, rotina de festas, chás e teatros, a que só tinha acesso uma pequena parte da população" (Bastos, apud, Candido; 1992:226).

Contrariamente a Lima Barreto que se envolvia com questões sociais, as crônicas de João do Rio "comentam de preferência tipos e ambientes da alta roda, que se exhibe pelo inverno no teatro Municipal e vai à serra em Petrópolis, pelo verão" (idem; 1986:129). Como um homem ligado aos acontecimentos de seu tempo "talvez [João do Rio] tenha sido o primeiro homem de letras do Brasil a usar em sua obra expressões e imagens calcadas na cinematografia" (Sussekind; 1987:294), uma novidade que rendeu muitas crônicas no final do século XIX.

João do Rio inaugura a reportagem de rua, revolucionando o jornalismo carioca e dando novas nuances às crônicas. Ele acompanha, com suas crônicas, as reformas que vinha sofrendo o Rio de Janeiro em seu tempo. Como argumenta o crítico João Carlos Rodrigues (1981), João do Rio inicia o conceito de reportagem moderna no país, perambulando com inteligência, ia às ruas atrás da notícia em pauta, flanando como os dândis europeus.

Feitas tais considerações, e com o suporte teórico de Tânia Franco Carvalhal (1986) que afirma que a análise de um texto é mais importante do que qualquer método usado para se chegar a ela e que, o método não é previamente fabricado, mas é uma decorrência da análise, objetiva-se, neste ensaio, fazer uma comparação entre crônicas de João do Rio e Lima Barreto, não no sentido de comparar influências ou recorrências de um texto no outro mas com a intenção de observar como dois contemporâneos falaram de um mesmo assunto com pontos de vista tão diferentes. A teoria de Carvalhal vem corroborar os estudos comparados como exercícios que vão além de simples "paralelismos binários movidos somente por 'um ar de parença' entre os elementos, mas [comparar] com a finalidade de interpretar questões mais gerais das quais as obras ou procedimentos literários são manifestações concretas" (Carvalhal; 1986:82).

Pretende-se, assim, apreender, através da obra de João do Rio e Lima Barreto, acontecimentos que foram marcantes no final do século XIX e início do XX, e compreender de que forma estes escritores selecionados tratavam tais assuntos, buscando, desta maneira, detectar como acontecimentos recorrentes no final do século XIX, no nosso caso o advento da República e a introdução do futebol no país, são abordados nas crônicas - gênero jornalístico bastante explorado por estes dois escritores - "daí a necessidade de articular a investigação comparativista com o social, o político, o cultural, em suma, com a história num sentido abrangente" (Idem; 1986:82).

Este trabalho será conduzido sob a luz das marcas históricas que caracterizaram o gênero crônica, isto é, sua representação da vida cotidiana, uma vez que o cronista se alimenta de notícias do cotidiano para criar seus textos. No final do século XIX, o Brasil estava saindo do regime imperialista e entrando no regime republicano, enquanto na literatura acontecia a transição entre o parnasianismo e o pré-modernismo, que buscava entender a identidade nacional na literatura brasileira. Estes assuntos serviram como material para muitas crônicas.

As crônicas usadas para este estudo são *15 de novembro* (1921) e *O football*, (1922), de Lima Barreto; e *No miradouro dos céus* (1915) e *Hora de futebol*, (1916) de João do Rio. O objetivo de usar crônicas como direcionador deste estudo é bem oportuno, uma vez que esse material nos fornece espaço de discussão político/cultural finissecular. Segundo Margarida de Souza Neves, a crônica foi um gênero literário popular no Rio da virada do século XIX:

(...) e seus autores os cronistas cariocas [são/foram] vistos como narradores daquele tempo vivido, por eles como por seus leitores, como um momento de transformações e de rupturas (...) [e agentes de formação] de consenso na cidade do Rio de Janeiro, capital, em múltiplos sentidos, da república que então se instaura (Apud, Candido; 1992:77).

A nossa escolha dos dois autores citados, João do Rio e Lima Barreto, se deve ao fato destes terem sido grandes colaboradores de jornais da época, tematizando em suas crônicas os mesmos problemas e novidades que movimentavam o Brasil daquele momento. Enquanto João do Rio se preocupa mais em mostrar as coisas “modernas” que surgem no Brasil, e exaltar os acontecimentos históricos (como faz com a república), Lima Barreto prefere denunciar as disparidades nacionais de um país pobre e cheio de diferenças sociais, usando metáforas e utilizando a sátira como estratégia de escrita. A atenção de Lima Barreto é voltada para os cidadãos marginalizados como: pobres, mulheres e negros - pessoas que eram constantemente preteridas pela sociedade da época. Para Lima Barreto, a República é um regime político que já nasce falido: "uma rematada tolice que foi a tal República, no fundo o que se deu em 15 de novembro foi a queda do partido Liberal e a subida do conservador (...) (Barreto, apud. Bosi; 1994:318).

Com um jeito informal de escrever, uma espécie de reprodução da fala do "povo", Lima Barreto acompanhava o "ritmo de nossa gente" (Pereira da Silva; 1981:26). Podemos dizer que essa maneira quase despojada que Lima Barreto usava para fazer sua literatura refletia o seu interesse em levar informações a esses cidadãos de periferia, uma de suas grandes preocupações e também um modo de se insurgir contra a ortodoxia da gramática lusa.

II - Análise de Crônicas de Lima Barreto

Na crônica *15 de novembro*, publicada em 26 de novembro de 1921, Lima Barreto faz um balanço do novo regime político brasileiro que completa trinta e dois anos. Com um tom nostálgico e situando o leitor, característica da crônica, o cronista se deixa mostrar longe dos acontecimentos da capital: "não fui à cidade e deixei-me ficar pelos arredores da casa em que

moro, num subúrbio distante" (Barreto, 1956:35)². Crônica escrita um ano antes de sua morte, o escritor fala de longe do palco daqueles acontecimentos: "saí pelas ruas do meu subúrbio longínquo a ler as folhas diárias. Lia-as, conforme o gosto antigo e roceiro, numa 'venda' de que minha família é freguesa (1956:35). É com esta sensação de desânimo que Lima Barreto escreve toda a crônica. Ele a inicia discorrendo sobre alguns acontecimentos históricos do Brasil, como a morte da princesa Isabel, e a partir daí passa a falar sobre o estado atual do Brasil depois de trinta e dois anos de República, o país continua com grande número de problemas sociais, problemas estes resultantes de um regime político que não tem nada de positivo para comemorar. Com uma fala irônica, recurso muito usado por Lima Barreto, ele coloca em pauta o resultado de obras mal feitas pelas autoridades cariocas, que sempre demandam mais gastos públicos, como se vê neste trecho: "o eminente senhor prefeito quer cinco mil contos para reconstrução da Avenida Beira-Mar, recentemente esborrachada pelo mar" (1956:335). A passagem citada indica uma crítica de Lima Barreto aos serviços mal feitos pelos governantes; obras que ficavam em constantes reformas, gastando o dinheiro público.

O autor compara a Avenida Beira Mar, que apesar de nova já precisa de reforma, com a República, um regime político, que para ele, não passa de fachada para maiores gastos. Assim sendo, o cronista questiona: "a república é o regime da fachada, da ostentação, do falso brilho e luxo de *parvenu*, tendo como *repoussoir* a miséria geral?" (1956:35). Lima Barreto vê a República como um regime político do novo rico, que se choca/contrapõe-se à miséria do povo brasileiro.

Nesta crônica, Lima Barreto ainda tece comentários sobre os assuntos que ilustram as folhas diárias, ou seja, os jornais que trazem assuntos de candidaturas presidenciais, falsidades

² A partir desta citação da crônica *15 de Novembro* só usarei o ano e a numeração da página, colocando a referência completa quando mudar de crônica.

diversas e descomposturas dos políticos, avaliando tudo com grande melancolia, constatando, assim, que nada mudou. Ou seja, o nome do regime mudou mas o brasileiro continua a viver numa situação de miséria. Ele termina a crônica ironicamente dizendo que o aniversário da República em 15 de novembro, “é uma data gloriosa, nos fastos da nossa história, marcando um grande passo na evolução política do país” (1956:36).

Em outra crônica, *O football*, Lima Barreto critica o futebol, esporte muito difundido pelos brasileiros mas que na verdade é um chamariz da violência urbana que: “todo o dia e toda a hora ele enche o noticiário dos jornais com notas de malefícios, e mais do que isto, de assassinatos. Não é possível que as autoridades policiais não vejam semelhante causa” (Barreto, 1956:153). Para Alfredo Bosi, isto reflete algumas contradições na ideologia de Lima Barreto, que ao mesmo tempo que queria mudanças significativas nos costumes dos brasileiros, era oposto a várias formas de modernização:

O cinema, o futebol, o arranha-céu ... [eram constantemente criticados por Lima Barreto que] chegava às vezes, a confrontar o sistema republicano desfavoravelmente com o regime monárquico no Brasil (Bosi; 1994:317).

Para Lima Barreto, o futebol - manifestação cultural que viria tomar conta do Brasil - não lhe suscitava nenhuma simpatia, pelo contrário, achava que este esporte só viria desestruturar um país que ainda não havia conseguido resolver seus problemas; para ele, “tudo tem um limite e o *football* não goza do privilégio de cousa inteligente” (Barreto; 1956:153). Constata-se com isso a preocupação deste escritor com as questões sociais, a tal ponto de aniquilar qualquer divertimento que desviasse a nação desse objetivo.

III - Análise de Crônicas de João do Rio

Enquanto Lima Barreto fala da República como um regime que já nasce falido, João do Rio só pensa em exaltá-lo, como mais um contributo para a modernização do país. Na crônica *No miradouro dos céus* pode-se ver a moderna e recém construída Belo Horizonte como uma alegoria da República. Cidade que vem substituir a antiga capital de Minas Gerais - Ouro Preto - Belo Horizonte reflete, para os estadistas mineiros, um passo simbólico rumo à modernidade. Numa escrita arrastada que chega a ser cansativa, recheada de adjetivos, João do Rio fala de sua viagem a Minas Gerais, enfocando a capital Belo Horizonte, cidade que ele considera a "derradeira poesia da República" (Rio; sd.106)³.

Notamos que, contrariamente a Lima Barreto, João do Rio não parece estar numa realidade brasileira. Em tom poético e ufanista, o autor se transporta para um mundo hiperbolicamente belo e fantasioso, criado por ele próprio, para falar do mesmo país de injustiças sociais de Lima Barreto. João do Rio cita as antigas cidades mineiras que, para ele, fazem parte do passado atrasado do Brasil - Ouro Preto, São João Del Rei – para, em seguida, falar de Belo Horizonte, símbolo do moderno. E, sempre com qualificativos exagerados, ele se põe a descrever a capital mineira. Vejamos alguns exemplos:

(...) os meus olhos viram os luares do Bósforo e as rosáceas aurorais do deserto, os desfiladeiros gelados dos Carpatos e as luminosidades mediterrâneas, as grandes capitais e as aldeias que são cidadelas, as paisagens de brumas e as paisagens de fulgor (...) nas imensas avenidas, maravilhosamente arborizadas; nas largas ruas, onde as árvores se fazem ornamentos de penetrante encanto(...) quando se deixa de olhar a seqüência de apoteoses e se repara, numa casa ou nos transeuntes, os homens dão uma impressão moderna, bem vestidos e corretos: as mulheres são tão bonitas, com tais olhos e tais epidermes, que nos parecem o prolongamento da beleza do ambiente.(...) em Belo Horizonte, as Horas, filhas de Temis são incansáveis(...) (s.d.:100 e 101).

³ A partir desta crônica *No miradouro dos céus*, só usarei a página (este livro não é datado), colocando a referência completa quando mudar de crônica.

Se eliminássemos os adjetivos, muitas vezes repetidos, desta crônica, pouco teríamos de conteúdo. João do Rio usa páginas e páginas para exaltar a beleza de Belo Horizonte, o seu deslumbramento e enebriamento não deixam espaço para uma reflexão sobre a situação em que se deu a construção de tal cidade⁴. O cronista conclui, com muitos elogios, o quão maravilhosa é essa cidade planejada e modernamente arquitetada pela inteligência do homem.

Em outra crônica escolhida para análise, *Hora do futebol*, João do Rio situa o leitor mostrando onde se encontravam o público carioca que tinha tempo para o lazer:

O Clube de Regatas do Flamengo tem, há vinte anos pelo menos, uma dívida a cobrar dos cariocas. Dali partiu a formação das novas gerações, a glorificação do exercício físico para a saúde do corpo e a saúde da alma (Rio, s.d.:60).

O cronista fala sobre os esportes praticados pelos moradores do Rio de Janeiro e a preocupação das mães que viam os filhos se inclinando para o lado dos esportes, deixando de lado o futuro de bacharel: "rapaz sem *pince-nez*, sem discutir literatura dos outros, sem cursar as academias - era homem estragado"(Rio; sd.:60). Mas para João do Rio, diferentemente do que pensava Lima Barreto, isso era apenas preocupação de mãe.

Em seguida João do Rio se coloca entre uma multidão na arquibancada do clube para ver uma partida de futebol que narra da seguinte maneira:

O aspecto era tal na sua duplicidade, que logo eu não soube se devia olhar o jogo do campo em que o Galo triunfava, ou se devia comover-me diante do frenesi romano da multidão(...) O lugar dos patrícios no circo romano, era um colossal, formidável corbelha de belezas vivas, de meninas que pareciam querer atirar-se e gritavam o nome dos jogadores (...) os gritos, as exclamações, cruzavam-se numa balbúrdia. Os jogadores destacam-se mais na luz do ocaso. E de todos os lados subia o clamor de Hipódromo no tempo em que era basílica Teodora (...) (Rio; sd.:61-62).

Com muito entusiasmo João do Rio narra a alegria e furor do “povo” brasileiro pelo novo esporte, um povo completamente diferente do descrito por seu contemporâneo Lima Barreto.

⁴ Ao ser construída a cidade de Belo Horizonte, a antiga capital mineira, Ouro Preto - importante patrimônio histórico - quase foi aniquilada.

IV - Considerações Finais

A crônica, gênero despretensioso, ganhou muito espaço através do olhar de João do Rio e Lima Barreto. No entanto Lima Barreto foi mais feliz nas crônicas escolhidas para este estudo, uma vez que, no dizer de Antonio Candido:

Em lugar de oferecer um cenário excelso, numa revoada de adjetivos e períodos candentes, [a crônica] pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas" (Candido; 1992:14).

O excesso de adjetivos usados na crônica, *No miradouro dos céus*, de João do Rio tira um pouco do brilho e leveza deste tipo de texto. Na intenção em fazer poesia sobre a cidade de Belo Horizonte, o cronista foge à realidade, devaneando exageradamente. A crônica ganha, com isso, uma linguagem rebuscada em demasia; João do Rio cria um cenário fictício para o Brasil, usando elementos da literatura grega para incrementar/valorizar sua literatura, mas faz isso de forma exagerada e pedante.

Na segunda crônica de João do Rio, *A hora do futebol* nota-se maior fluidez como o próprio esporte narrado. Apesar de continuar abusando de linguagem rebuscada e exagerada a crônica tem um tom mais leve e interessante. No entanto, o assunto tem um teor alegre, sem compromissos, completamente diferenciado da crônica de mesmo tema de Lima Barreto.

Sobre as crônicas de Lima Barreto, apesar de serem recheadas de crítica social e bem realistas elas se mantêm fieis à proposta do gênero leve, com "ar despreocupado, de quem está falando coisas sem maior importância;" (idem; 1992:18) no entanto entram fundo nos atos e sentimentos dos homens.

Assim sendo, nota-se, com esta breve análise, que Lima Barreto e João do Rio, que tanto escreveram sobre as mudanças do século XIX e início do XX, tinham preocupações distintas não

só sobre os assuntos recorrentes em suas crônicas, mas também em quase todas as questões que movimentaram aquele tempo. Estas diferenças, pode-se especular, não se deve, só, ao fato de serem de classes sociais diferentes, talvez isso se deva, também, à questões ideológicas diferenciadas. João do Rio era cheio de maneirismos europeus; elitista no seu jeito de compreender o mundo; refletindo isto em seu estilo literário e gerando discrepâncias com relação às crônicas de Lima Barreto. Este último, por sua vez, nasceu no subúrbio e não mudou de lugar para morrer. Dono de um estilo particular e crítico; não fez parte da Academia Brasileira de Letras como João do Rio, mas deixou marcado, de forma literariamente sociológica, seu nome no cenário literário brasileiro.

Referências Bibliográficas

- BARRETO, Lima. *Marginalia*: artigos e crônicas. São Paulo: Brasiliense, 1956.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 35 ed., São Paulo: Cultrix, 1994.
- CANDIDO, Antonio. *A crônica*: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: ed. UNICAMP, 1992.
- CARVALHAL, Tânia Franco. *Literatura comparada*. São Paulo: Ática, 1986.
- COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986, v. VI.
- CURY, Maria Zilda Ferreira. *Um mulato no reino de jambom*. São Paulo: Cortez, 1981.
- RIO, João do. *Uma antologia*: contos, crônicas e reportagens cariocas. Rio de Janeiro: Sabiá, s.d.
- RIO, João do. *História das gente alegre*. Org. João Carlos Rodrigues. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981.
- SUSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo de letras*: literatura, técnica e modernização no Brasil. São Paulo: companhia das Letras, 1987.